

A Globalização é Fabulosa!

Tom G. Palmer

Tradução:

André Azevedo Alves

Pedro Almeida Jorge



+Liberdade

A Globalização é Fabulosa!

A globalização provoca sentimentos fortes em muita gente, mas hoje não vou falar muito de sentimentos. Vou falar de razões, lógica e evidência. É importante que os argumentos façam sentido, que possam ser verificados ou refutados, e que possamos cativar o coração através da mente. Espero poder cativar as vossas mentes para que assim coloquem os vossos corações do lado da humanidade.

É comum os oponentes da globalização utilizarem esse termo para descrever todas as características da vida humana que eles não apreciam. Eu utilizarei o termo “globalização” mais precisamente para me referir à diminuição ou eliminação das restrições estatais aos intercâmbios transfronteiriços e ao cada vez mais integrado e complexo sistema global de produção e trocas que emergiu como resultado disso. As interrogações que se colocam são as de saber os efeitos que a globalização realmente tem e se eles são benéficos ou prejudiciais.

A questão política fundamental é se uma fronteira deve ser utilizada para impedir transacções que seriam permitidas se ambas as partes estivessem do mesmo lado dessa fronteira. Dever-se-á permitir aos produtores de trigo dos E.U.A. comprar telemóveis a pessoas da Finlândia? Dever-se-á permitir aos tecelões do Gana vender camisas e calças aos operários alemães?

Eu acredito que a resposta é sim. Os oponentes da globalização, da esquerda e da direita, desde Ralph Nader a Patrick Buchanan e Jean Marie Le Pen, dizem que não. Antes de explicar o meu sim, devo enfatizar que o debate não é sobre a interacção de números mas antes sobre a interacção de pessoas reais, pessoas de carne e osso, com corpos, mentes e vidas que são importantes e têm significado.

Versão resumida da comunicação apresentada por Tom G. Palmer em várias universidades dos E.U.A. ao longo de 2002, tendo sido originalmente publicada em inglês com o título “Globalization is Grrreat!” na Cato’s Letter do Outono de 2002. Tom G. Palmer é actualmente Senior Fellow do Cato Institute e Vice-Presidente Executivo dos programas internacionais da Atlas Network.

Tradução de André Azevedo Alves para a Causa Liberal. Revisão subsequente: Pedro Almeida Jorge.

Para colocar alguma dessa carne e osso nos argumentos formais, permitam-me que vos conte uma história. O ano passado, um amigo maia que ensina antropologia na Guatemala levou-me às terras montanhosas maias. Ele disse-me que os antropólogos da Europa e dos Estados Unidos que querem “estudar” os aborígenes se queixam de que muitas mulheres maias já não vestem quotidianamente os seus belos trajes indígenas feitos à mão. Essas peças estão crescentemente reservadas para ocasiões especiais como baptismos e casamentos. A reacção dos visitantes é quase unanimemente de horror. Os maias estão a ser despojados da sua cultura, afirmam eles. São as primeiras vítimas da globalização e do imperialismo cultural.

Os visitantes não se preocupam em perguntar às mulheres maias por que razão muitas delas não vestem as roupas tradicionais, mas o meu amigo fê-lo. As mulheres disseram-lhe que já não usam os seus vestidos feitos à mão porque eles se tornaram *demasiado caros*. Ora, o que é que significa as roupas feitas à mão terem-se tornado demasiado caras? Significa que o trabalho da mulher maia *se tornou mais valioso*. Em vez de passar horas e horas num tear manual a fazer um vestido para usar, ela pode empregar esse tempo a fazer esse mesmo vestido para vender a uma mulher em França e utilizar as receitas para comprar três outras peças de roupa – e óculos, ou um rádio, ou um medicamento para combater a febre dengue. Ou então as mulheres podem antes fazer outros trabalhos e ainda assim ter capacidade para comprar mais coisas que valorizam. Não estão a ser *roubadas*. Estão sim a tornar-se *mais ricas*. E, desde a sua perspectiva, isso não é uma coisa má; mas é uma grande decepção na perspectiva daqueles a quem o meu amigo chama «turistas da pobreza» anti-globalização, que gostam de tirar fotografias a gente pobre vestida às cores.

Assim, quando discutimos a globalização, devemos ter em conta as mulheres que fazem roupas que, graças à globalização, se estão a tornar demasiado caras para que elas as usem todos os dias. Essas são as pessoas de carne e osso cujo destino será decidido, para o melhor ou para o pior, pelo debate sobre a globalização. Tornar-se-ão mais ricas ou mais pobres? Terão vidas mais longas ou mais curtas? A resposta a estas questões depende de se adoptamos políticas sábias ou políticas estúpidas.

Mitos sobre a Globalização

Mito 1: A Globalização destrói empregos – A política comercial não afecta o número de empregos, mas afecta o tipo de empregos que as pessoas têm. Se o proteccionismo aumenta o número de empregos em indústrias que competem com as importações, ele reduz de forma correspondente o número de empregos em indústrias exportadoras, ou seja, nas indústrias que produzem bens que *teriam sido* trocados por bens que *teriam sido* importados mas que são agora mais caros devido às tarifas ou excluídos por meio de quotas. As exportações são, no fim de contas, o preço que pagamos pelas importações, tal como as nossas importações são o preço que os estrangeiros pagam pelas nossas exportações, de tal forma que, se reduzirmos através de uma tarifa o valor dos bens importados, reduziremos também o valor dos bens exportados para pagar essas importações. Isso traduz-se numa perda de empregos nas indústrias exportadoras.

Mito 2: A Globalização direcciona o capital para onde os salários são mais baixos e explora os trabalhadores mais pobres – Se fosse verdade que os fluxos de capital se dirigem para onde os salários são mais baixos, seria de esperar que o Burkina Faso e outros países pobres com baixos salários estivessem inundados de investimento externo. A afirmação tem implicações verificáveis, pelo que a podemos testar. Durante a década de 1990, 81% do investimento directo estrangeiro dos E.U.A. foi para três partes do mundo: o desesperadamente pobre Canadá, a empobrecida Europa Ocidental e o faminto Japão.

Países em desenvolvimento (com salários em crescimento) como a Indonésia, o Brasil, a Tailândia e o México representaram 18%. O resto do mundo, incluindo toda a África, repartiram o 1% restante. Os investidores investem o seu capital nos locais que lhes oferecem os maiores retornos, e em geral isso acontece onde os salários são mais altos, não mais baixos. Além disso, as empresas estabelecidas por investidores externos tendem a pagar salários mais altos do que as empresas locais, porque os estrangeiros querem atrair e reter os melhores trabalhadores.

Mito 3: O capital é exportado dos países ricos para o Terceiro Mundo, criando *sweatshops*, que por sua vez exportam grandes quantidades de bens baratos para os países ricos, gerando

excedentes comerciais nos países pobres e reduzindo a actividade industrial nos países ricos, de tal forma que todos ficam pior – Ouço frequentemente este tipo de história nas universidades. É tão confusa que é difícil saber por onde começar.

Primeiro, não é possível ter simultaneamente um superavit na conta de capital e um superavit comercial. Se um país exporta mais do que importa, ele recebe algo em troca das suas exportações, e o que obtém é a propriedade de activos – ou investimento líquido – nos países para os quais exporta. Se um país importa mais do que exporta – como os EUA têm feito nas últimas décadas – é necessário vender algo aos estrangeiros que lhe estão a enviar os seus produtos, e o que se vende são activos, tais como acções de empresas. A identidade contabilística fundamental é: Poupança – Investimento = Exportações – Importações. A maioria dos cenários aterrorizadores anunciados pelos oponentes da globalização assenta na simples ignorância dos elementos mais básicos da contabilidade do comércio internacional.

Mito 4: A globalização origina um círculo vicioso de deterioração dos padrões ambientais e laborais – Outra falácia é a de que o capital flui para onde os padrões ambientais e laborais são mais baixos. Mas verifiquemos os factos.

Os investidores investem nos locais onde os retornos são maiores, o que tende a acontecer onde a mão de obra é mais produtiva, que é também onde as pessoas são correspondentemente mais ricas – e as pessoas mais ricas tendem a exigir melhores, e não piores, condições ambientais e laborais. Os dois casos mais citados como exemplos de efeitos supostamente negativos sobre o ambiente dos acordos comerciais – os casos do “atum/golfinho” e do “camarão/tartaruga” – revelam um círculo virtuoso, e não vicioso, à medida que outros países adoptaram os padrões legais dos Estados Unidos para proteger os golfinhos e as tartarugas.

O mesmo se aplica às condições laborais. Os postos de trabalho nas empresas detidas por estrangeiros são geralmente muito procurados, porque pagam melhores salários e oferecem melhores condições laborais do que as alternativas domésticas.

Mito 5: A globalização cria uma cultura homogénea norte-americana em todo o mundo – É de facto verdade que os Estados Unidos são culturalmente atraentes e que algumas pessoas – geralmente as

elites – se opõem a isso. Mas consideremos a moda que tomou todo o mundo, o pequeno mago inglês Harry Potter, ou a loucura que se instalou nas crianças de sete anos por todo o mundo há alguns anos com o fenômeno japonês do Pokémon, assim como com o também japonês Anime, com a indústria cinematográfica indiana “Bollywood” e muitas outras contribuições de outras culturas, as quais nos enriqueceram a nós e a outros. Isto sem mencionar a comida tailandesa ou a possibilidade de ouvir músicas gravadas em praticamente todas as línguas faladas no planeta. Se as culturas permanecerem hermeticamente seladas e estáticas, elas deixam de ser culturas humanas; convertem-se em exposições de museu. A globalização enriquece-nos culturalmente.

Mito 6: A globalização cria desigualdade – As causas do aumento e diminuição da desigualdade são complexas, mas há uma verdade substancial na afirmação de que a globalização gera desigualdade: o diferencial de riqueza entre os países que têm economias fechadas e aqueles que praticam o comércio livre continua a aumentar. Essa não é a desigualdade que os anti-globalizadores têm em mente. Mas nos países que abriram as suas economias ao comércio e ao investimento, as classes médias cresceram, o que significa que existe menos desigualdade, e não mais.

Benefícios da Globalização

A globalização leva à paz, ao diminuir os incentivos para o conflito – O proteccionismo baseia-se numa mentalidade e num conjunto correspondente de políticas que enfatizam os interesses divergentes das nações. Em contraste, o comércio livre une os países através da paz. Há um velho adágio que diz «quando os bens não podem atravessar as fronteiras, os exércitos certamente o farão».

O comércio gera riqueza – Imaginem que alguém criava uma máquina que vos permitia empurrar por uma porta coisas que conseguem produzir de forma barata e que por outra porta vos oferecia as coisas que gostariam de ter mas vos custam mais a produzir. Os australianos poderiam fazer passar ovelhas por uma porta e da outra sairiam automóveis e fotocopiadoras. Os japoneses poderiam empurrar leitores de vídeo e aparelhagens por uma porta e obter petróleo, trigo e aviões pela outra. O inventor dessa máquina seria louvado como um benfeitor da humanidade – até que Pat Buchanan ou Ralph Nader

revelassem que o invento é na verdade... um porto! Então, em vez de ser considerado um herói, o “inventor” seria vilipendiado como um destruidor de empregos – e ainda como anti-patriota. Mas qual é a diferença entre essa máquina maravilhosa e o comércio?

O comércio leva a benefícios para todos – O erro mais comum dos proteccionistas é confundir vantagem absoluta com vantagem comparativa. Mesmo que a pessoa na primeira fila seja melhor do que eu em *tudo*, ambos beneficiamos do comércio se ela se especializar naquilo que faz melhor e eu me especializar naquilo que faço melhor. O velho exemplo da dactilógrafa e do advogado aplica-se tanto entre fronteiras como dentro dos escritórios. O advogado pode escrever documentos jurídicos e dactilografar melhor do que a secretária, mas ambos beneficiam se o advogado se especializar em escrever documentos jurídicos, os quais custam menos em termos de produção dactilográfica perdida, e a secretária se especializar em dactilografá-los, o que custa menos em termos de perda de argumentação jurídica, já que a secretária é melhor a dactilografar do que a redigir documentos jurídicos. O produto total é maior e ambos recebem mais rendimento. Essa é também uma razão pela qual o comércio está tão intimamente relacionado com a paz. É na verdade pelo facto de as pessoas poderem ver os outros seres humanos como parceiros numa cooperação mutuamente benéfica, e não como inimigos de morte, que a sociedade humana se torna sequer possível. O comércio é a base primordial da civilização humana.

O comércio livre é o caminho mais rápido para a eliminação do trabalho infantil – Trabalham aproximadamente 250 milhões de crianças em todo o mundo. A percentagem de crianças que trabalham tem vindo a cair – e não a aumentar – com o incremento do comércio e da globalização, e por razões bastante óbvias. Os países pobres não são pobres por as crianças trabalharem. As crianças trabalham porque são pobres. Quando as pessoas enriquecem através da produção e do livre comércio, elas enviam as suas crianças para a escola, em vez de as mandarem para os campos. O comércio global é o caminho mais rápido para a eliminação do trabalho infantil e para a sua substituição pela educação infantil.

O comércio, a abertura e a globalização reforçam os governos democráticos e responsáveis e o Estado de Direito – À medida que as barreiras comerciais têm vindo a cair, a percentagem de governos classificados

como democráticos pela Freedom House aumentou dramaticamente. Dos 40% de países com maior abertura económica segundo o *Economic Freedom of the World* (co-publicado pelo Cato Institute), 90% são classificados como “livres” pela Freedom House. Pelo contrário, nos 20% de países com economias mais fechadas, menos de 20% foram classificados como “livres” e mais de 50% foram considerados “não livres”. O México é um bom exemplo: a abertura da economia mexicana, através do Tratado de Livre Comércio da América do Norte (NAFTA), tornou possível a vitória do presidente Vicente Fox e a ruptura do monopólio detido pelo Partido Revolucionário Institucional. Os defensores de governos democráticos e responsáveis e do Estado de Direito deveriam apoiar a globalização.

O livre comércio é um direito humano fundamental – Os anti-globalizadores e os proteccionistas partem do pressuposto que têm o direito de usar a força para evitar que vocês e eu levemos a cabo trocas voluntárias. Mas os direitos fundamentais deveriam ser iguais para todos os seres humanos, e o direito de comerciar é um direito fundamental, de que desfrutam todos os seres humanos, independentemente do lado da fronteira em que possam viver. O comércio livre não é um privilégio; é um direito humano.

O comércio é algo distintamente humano. Algo que nos diferencia de todos os outros animais. O comércio baseia-se na nossa faculdade de raciocinar e na nossa capacidade de persuadir. Como assinalou Adam Smith numa conferência em 30 de Março de 1763: «A oferta de um *shilling*, que para nós parece ter um significado tão simples e directo, é na realidade a oferta de um argumento para persuadir alguém a fazer algo por isso ser do seu interesse». Como Smith notou, outros animais podem cooperar, mas não comerciam, e não comerciam porque não empregam a razão para persuadir.

O comércio não só é distintamente humano, como é também uma característica distintiva da civilização, tal como salientou Homero na *Odisseia*. No Canto IX, quando Ulisses nos relata a sua chegada à terra dos Ciclopes, oferece-nos alguns pensamentos sobre as razões pelas quais os Ciclopes são «gigantes sem leis». Ulisses observa que:

*Os Ciclopes não possuem naus de proas vermelhas,
Nem artífices capazes de as construir em boas condições,
Que os pudessem levar a portos estrangeiros, como faz*

*A maioria dos homens, que se arrisca nos mares para comerciar entre si.*¹

Os Ciclopes são selvagens porque não comerciam. Vivem no mundo preferido pelos anti-globalizadores, um mundo sem comércio, um mundo em que toda a produção é local. O proteccionismo deve ser rejeitado não apenas porque é ineficiente. Ele deve ser rejeitado porque conduz ao conflito e à guerra, porque é imoral, e porque é contrário à civilização.

¹ [Tradução directa dos versos em inglês citados no artigo original. Algumas traduções da *Odisseia* não são tão explícitas na referência a “comerciar”. Obviamente, não abstermo-nos dessa controvérsia.]

INSTITUTO +LIBERDADE, 2021

info@maisliberdade.pt

NOTA

O conteúdo do presente documento pode ser partilhado e reproduzido para fins de uso pessoal, científico ou pedagógico, devendo obrigatoriamente incluir devida referência aos indivíduos nele mencionados e ao Instituto +Liberdade. Qualquer outra reprodução, nomeadamente para exploração comercial, republicação ou alteração, é estritamente proibida sem a permissão do Instituto +Liberdade e dos seus autores, salvo o disposto em lei em vigor em Portugal.

A menos que tal seja expressamente indicado, os pontos de vista dos autores do presente documento não são necessariamente, em toda a sua abrangência, os do Instituto +Liberdade.